

C
F
D

SERTANISTAS JÁ PODEM FALAR E CONTAM MASSACRE

Continuam sob rigorosa observação médica os dois sertanistas que foram flechados pelos guerreiros Araras, quarta-feira passada, na área de perambulação da tribo que ainda habita as terras que são banhadas pelo rio Iriri, praticamente na divisa da região que deverá ser ocupada por duas mil famílias de colonos gaúchos que serão assentados através de um projeto de colonização da Cotrijuí, uma cooperativa que opera com grandes safras de soja no Rio Grande do Sul.

Os sertanistas feridos são Afonso Alves da Cruz, de 43 anos, e que trabalha na Funai desde 1950, ferido duas vezes pelas setas dos Araras, na altura da clavícula direita e na altura do mamilo esquerdo e João Evangelista de Carvalho, de 56 anos e desde 1946 na Funai. João já esteve na frente de atração que pacificou os Paracaná em campanha anterior dos Araras.

João Evangelista foi ferido no abdômen. Uma flexa acertou-o longitudinalmente, afetando seus intestinos, sendo que as operações foram muito demoradas. João conseguiu falar alguma coisa ontem, relatando para enfermeiros e médicos como foi que os Araras os surpreenderam no meio do mato.

Sentindo dores na barriga, João contou que logo depois do almoço de quarta-feira, ele e mais outros sertanistas estavam no acampamento quando ouviram sinal dos índios. Estes segundo João, imitam porcos do mato, que no meio da floresta, estalam as mandíbulas fazendo um ruído característicos de ranger de presas.

Sairamentão, Afonso e João de perto grupo que estava naquele acampamento na linha de frente dos guerreiros Araras, com um conjunto de quinquilharias que geralmente são oferecidas aos índios como presente.

Os Araras não estão querendo presentes, mas suas terras, uma grande área que é banhada pelo Iriri, onde outrora havia muita caça e peixe, principalmente nesta época do ano, quando o Xingú e o Iriri baixam, deixando



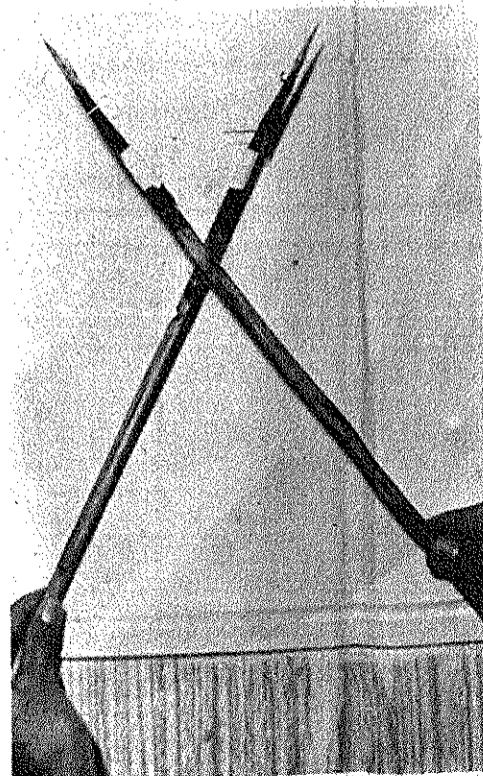
O sertanista João, atingido por uma flecha no abdômen

à mostra grandes praias onde os traca-jás desovam e se reproduzem.

Os índios, conta João, saíram de trás das árvores em grande alarido, apavorando-os, pois segundo comentário de Afonso e João naquele instante do ataque, "o grupo de índios, que nos atacou vinha pintado. Foi muita flecha e por pouco o restante do nosso grupo não era atingido. Fomos atendidos pelo restante de nossos companheiros que ouviram a gritaria e correram em nosso socorro".

Os Araras continuam demonstrando que não querem contatos com os brancos na região do Iriri. Estes índios, outrora, uma nação muito grande e populosa foi literalmente massacrada pelos seringueiros e jagunços que trabalhavam em Altamira numa grande empresa de exploração do látex que existia lá.

O grande incidente que envolveu Araras e homens brancos nestes últimos anos, aconteceu em 1976, quando três funcionários da CPRM -



Duas das setas utilizadas pelos índios "Araras"

Companhia de Pesquisas Recursos Minerais, foram flechados e três técnicos mortos.

Em 1977, os guerreiros Araras atacaram novamente uma frente de atração da Funai, atingindo seriamente um mateiro do órgão. Esta nação Arara, dominava as terras banhadas pelo rio Iriri, até a Transamazônica, do quilômetro 85 ao quilômetro 155, no sentido Altamira Itaituba.

Em 1977 uma grande área da região, 160 mil hectares de terras foi destinada à nação Arara, cujo limite da reserva faz fundos com a área de terra onde serão instaladas as famílias gaúchas.

Como os índios não conhecem fronteiras em suas terras, a presença dos sertanistas da Funai na região não está sendo bem vista pelos índios que nesta quarta-feira passada feriram os sertanistas. João disse que o ataque se deu, pouco mais de doze quilômetros da Fazenda Maracajá.